

**Os diferentes significados do envelhecimento: um olhar antropológico sobre uma  
roda de conversa realizada com mulheres participantes da ação de extensão  
Envelhecimento Ativo - UNAPI/UFMS<sup>1</sup>**

Juliana Cristina dos Santos DUARTE - UFMS / Mato Grosso do Sul

Guilherme Rodrigues PASSAMANI - UFMS / Mato Grosso do Sul

**RESUMO:**

O presente artigo analisa uma roda de conversa realizada na Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI/UFMS) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nossa análise se concentrou nas falas de mulheres idosas, participantes da ação de extensão denominada Envelhecimento Ativo, a respeito de suas vivências do envelhecimento. Dando destaque ao significado por elas atribuído a ele, salientando também algumas dinâmicas das especificidades vividas por elas nesse processo. O objetivo principal para da roda de conversa foi estabelecer diálogo a respeito de como é estar na chamada “terceira idade”. Além da oralidade, na roda de conversa, utilizou-se como ferramenta de acesso às considerações das interlocutoras, a escrita. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, com viés etnográfico, o presente estudo é respaldado pelo trabalho de campo tendo em vista seu caráter interpretativo, que se baseia no que acontece nessa ocasião, neste lugar, partindo do que pessoas específicas dizem. O encontro com um grupo, tão específico (mulheres à partir dos 60 anos), demonstra a importância de ações de extensão que fomentem de alguma forma, a participação de pessoas antes excluídas do ambiente universitário. Neste sentido, entender como essas mulheres vivenciam o envelhecimento reforça a importância do espaço dialógico fomentado pela UNAPI, bem como sinaliza uma forma de inclusão deste grupo no ambiente universitário por meio de ações de extensão.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Mulheres. UNAPI. Envelhecimento Ativo. UFMS. Curso da vida.

**Introdução**

Segundo matéria publicada no site da UFMS<sup>2</sup>, no dia 01 de abril de 2019, a Universidade Aberta à Pessoa Idosa oferece 239 vagas na Cidade Universitária e no Câmpus, para que pessoas com 60 anos ou mais possam participar de ações de extensão, cultura e esporte, e/ou cursar disciplinas de graduação presencial. O objetivo principal do programa seria proporcionar a inclusão de pessoas idosas no ambiente universitário. Ainda segundo o site, os interessados podem participar em até duas atividades (disciplinas e/ou projetos) e também devem participar de duas palestras. O programa oferece ainda, oportunidades intergeracionais para aquisição, desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de habilidades e competências relacionadas à autonomia, independência, manutenção ou reinserção na sociedade de idosos e idosas como cidadãos plenos de direito<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.ufms.br/universidade-aberta-a-pessoa-idosa-abre-inscricoes/>>

<sup>3</sup> Por Paula Siqueira (2018), redação disponível em:

Nossa roda de conversa aconteceu em um dos projetos oferecidos pela UNAPI/UFMS, que é o Envelhecimento Ativo, que ocorre todas às quartas feiras, das 13h e 30min as 15h, no prédio do Sedfor (UFMS), na sala 4. Neste projeto 46 idosas e idosos cadastrados, sendo que no dia de nossa roda de conversa, que foi 28 de agosto de 2019, trinta e seis pessoas estavam presentes. Das trinta e seis pessoas participantes do projeto presentes, vinte e nove eram mulheres na terceira idade, sendo apenas seis homens, o que respalda o recorte de gênero proposto pela pesquisa.

O fato de a maioria das participantes da UNAPI serem mulheres sinaliza a importância, de se discutir formas de ser mulher e também de envelhecer e viver a velhice sendo mulher, isso porque, são mulheres que estão ocupando o espaço da universidade. Vale salientar que:

Ao observarmos o processo de envelhecimento na contemporaneidade, identificamos o surgimento de condutas, hábitos, crenças e imagens que alteram significativamente as concepções tradicionalmente associadas às etapas mais tardias da vida. No lugar das tradicionais imagens [...] surge um modelo identitário que inclui, em sua definição, o estímulo à atividade, a aprendizagem, a flexibilidade, o aumento da satisfação pessoal e a formação de vínculos afetivos inéditos (SILVA, 2008, p. 802).

As formas de envelhecer sendo mulher na contemporaneidade delineiam o surgimento de um modelo identitário que inclui o estímulo à atividade, à aprendizagem, à flexibilidade, ao aumento da satisfação pessoal e à formação de vínculos afetivos inéditos. Neste contexto se insere a presente pesquisa, bem como as informações nela contidas, na dinâmica da forma de envelhecimento de mulheres que estão vivenciando a terceira idade na atualidade.

O nosso contexto sociocultural que é delineado pelo machismo, misoginia e patriarcalismo pressupõe especificidades no curso de vida das mulheres. Este contexto de opressões delineia resistências e por tanto rupturas, o foco na questão envelhecimento das mulheres interlocutoras parte do contexto por elas vivenciado, visto que, elas “[...] vivem mais que os homens, envelhecem mais que os homens e procuram alternativas de viver a velhice mais do que eles. Ser velho é diferente de ser velha. As relações de gênero aparecem em consequência de suas experiências” (MARQUES, 2004, p. 69). Portanto, ser uma mulher idosa proporciona relações, lugares e acessos específicos.

A roda de conversa construída na UNAPI/UFMS, é portanto, um *locus* viável para a análise, pois representa a dinâmica de vivência de um grupo de idade. Na busca das particularidades desses cursos de vida, entendendo que, “[...] é possível escapar dos

constrangimentos, dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades” (DEBERT, 1999, p. 71). Esse comportamento de rupturas é delineado pelo momento histórico e construído nas experiências vividas pelas interlocutoras da pesquisa.

Para as mulheres que estão “criando” a sua terceira idade (rompendo com os estereótipos) não há precedente a ser considerado, isso torna o envelhecimento de mulheres uma tarefa desafiadora. A terceira idade além de experiência individual é uma construção coletiva, pois seus efeitos irão incidir no imaginário social (SILVA, 2008). As experiências de envelhecimento na atualidade trazem consigo novas possibilidades que estão sendo fomentadas pela sociedade. Dentre elas uma é proporcionada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a UNAPI, que nos possibilitou acesso às mulheres interlocutoras, bem como observar este lugar em que elas se relacionam.

“Uma das principais características da identidade da terceira idade, [...] seu caráter de invenção” (SILVA, 2008, p. 804). O caráter inventivo da terceira idade é possibilitado quando pessoas idosas entendem e visualizam a velhice como parte do curso da vida, isso por dentro outras coisas fomentar a participação em atividades que antes não seriam comuns, como a utilização do espaço da universidade para uma discussão a respeito de suas vivências de envelhecimento. A tendência contemporânea delinea:

[...] a atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades [...] São essas as imagens do envelhecimento que acompanham a construção da **terceira idade**, revendo os estereótipos negativos da velhice e abrindo espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente (DEBERT, 1997, p. 7, *grifos da autora*).

Esses novos significados dados à velhice e suas novas experiências são evidenciadas na a roda de conversa e serão descritos e analisados nos próximos tópicos deste artigo. Apesar do imaginário tradicional de envelhecimento, como um período com menos atividades, as experiências vivenciadas por nossas interlocutoras traçam o surgimento de condutas distintas das tradicionais para a terceira idade.

### **Caminhos percorridos**

O primeiro interlocutor da pesquisa foi o até então vice coordenador da Universidade Aberta à Pessoa Idosa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Eduardo Ramirez Mesa. Com ele, pode-se estabelecer várias conversas informais no sentido de construirmos formas que possibilitassem o acesso às pessoas participantes da UNAPI/UFMS.

No dia 15 de agosto de 2019, consegui encontrar pessoalmente a coordenadora da Universidade Aberta à Pessoa Idosa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Suzi Rosa Miziara Barbosa, que até então ocupava o cargo. Depois de várias conversas, via mídias sociais, desde junho de 2019, pude ir até ela apresentar minha proposta de pesquisa, que foi acolhida com um certo questionamento ao fato de minha intenção ser investigar o envelhecimento feminino, sendo assim fazendo o recorte de gênero.

Nessa conversa conseguimos encontrar uma forma que nos pareceu muito interessante de acessar o campo. Todas as quartas feiras, das 13h e 30min às 15h é oferecido aos idosos e idosas participantes um espaço chamado Educação e Saúde, e como sou Pedagoga, entendemos ser um espaço possível. Como sugestão, ela disse que poderia dar uma aula a respeito da Antropologia, o que fiz em partes.

Suzi indicou conversar com uma outra pessoa, a Adriana, que é voluntária no projeto e fomenta a organização da Educação e Saúde. Ela me explicou então que, normalmente, nesse espaço, os idosos e idosas tinham acesso a palestras, ou algum tipo de dinâmica sobre algum tema. Essa explicação tão abrangente me levou a pensar uma forma de proporcionar, a partir da dinâmica em sala de aula informações potentes a discussão a respeito do envelhecimento e fomentar um espaço agradável e dialógico aos meus e minhas interlocutoras. Também me contextualizou dizendo que nesta atividade existiam 46 pessoas matriculadas e geralmente todas compareciam, “ainda mais quando era gente de fora”.

Planejamos então uma roda de conversa que intitulamos *Concepções a respeito do envelhecimento*, tendo como objetivos estabelecer diálogo a respeito de como é estar na terceira idade; compreender o que significou/significa envelhecer para o grupo; Entender o significado de estar na universidade nesta idade; apreender a partir das falas quem faz parte do grupo de idosos que ocupa o espaço da universidade; discutir quais são as formas com as quais essas pessoas são denominadas (ex. pessoa na terceira idade, velha, etc.), se gostam ou não e qual denominação preferem.

Como estratégia, planejamos começar com a apresentação, dizendo o porquê de meu interesse com a discussão a respeito do envelhecimento e pedir permissão para gravar nossas falas. Feito isto, perguntar sobre o que é estar na terceira idade para as pessoas presentes, posteriormente perguntar sobre o que significa envelhecer e se as pessoas se consideram velhas, adentrando a discussão a respeito das nomenclaturas utilizadas para denominar pessoas já na terceira idade. Posteriormente, distribuir folhas sulfites e pedir para que cada pessoa escreva (em no mínimo uma frase), ou desenhe o que significa, ou representa para eles e elas estarem na terceira idade. Solicitar que coloquem nomes e idades nas folhas (auxiliar quem não souber

escrever). Depois disso, cada pessoa poderá ler o que escreveu e/ou mostrar o desenho para todos e todas podendo explicar. Posteriormente, propor que escrevam, de forma coletiva, um texto que sintetize nossa discussão, buscando resumir em poucas frases o que significa para o grupo envelhecer, estar na terceira idade e participar da universidade.

A roda aconteceu no dia 28 de agosto de 2019, das 13h e 30min às 15h, data que ressoou em minha cabeça por duas semanas, já que essa seria a primeira vez que eu proporia uma atividade com pessoas mais velhas que eu e para um número tão grande de pessoas. Neste dia fui com uma amiga, a Ariel, que me auxiliou muito, já que sozinha seria muito difícil propor a atividade e captar questões mais sutis que aconteceram em sala. Nós chegamos ao bloco onde acontecem os encontros com uma hora de antecedência, conversamos sobre o que eu planejava fazer e nos organizamos para que fosse possível.

Sala organizada, eu expliquei a elas e eles (mulheres e homens participantes da roda) que era pedagoga e agora estava no Mestrado em Antropologia Social, o que me fez estar ali pois gostaria muito de entender o que era envelhecimento. Sugeri que cada pessoa ali se apresentasse dizendo o nome, a idade e o que significa para ela envelhecer, o que seria para ela envelhecimento.

Durante as apresentações, algumas pessoas foram chegando, o que fez com que a roda voltasse e com que a atividade precisasse ser explicada novamente, mas nada que alterasse a dinâmica de forma negativa, apenas fez com que grupo fosse se ajudando. Quando alguém falava mais baixo várias pessoas pediam para falar mais alto, outro ponto da dinâmica do grupo que a Adriana havia me alertado anteriormente era que eles se dispersavam facilmente, o que também ficou evidente. Se alguém dissesse algo que todo mundo concordava ou que quase ninguém apoiava as conversas paralelas começavam e os questionamentos entre eles também, o que às vezes requeria intervenção. No segundo momento, conversei com eles e elas no intuito de questionar se existe alguma forma de se referir a pessoas na faixa etária deles e delas que não seja agradável. Para isso, eu perguntei se existia alguma forma não agradável de se referir à pessoas idosas.

Na terceira parte de nossa roda de conversa, eu disse a eles e elas que definissem o que é envelhecer, podia ser de forma escrita, uma palavra apenas, ou um desenho, distribuí folhas sulfites e juntamente com a Ariel os lápis e lápis de cor. No momento da entrega e das proposições para a atividade as pessoas do grupo me leram como professora. Além de se referirem a mim dessa forma me perguntaram se eu iria corrigir as atividades. Cometi uma gafe ao dizer que poderiam pintar se quisessem, mesmo que fizesse tempo que não tivessem contato com lápis de cor, e isso foi rebatido na hora, mais uma coisa desmistificada em campo. Por mais

que algumas concordassem com a distância que fazer uma atividade e pintar estava do momento atual da vida, outras pessoas disseram que pintam todos os dias e inclusive em outras atividades da UNAPI.

Quando todos terminaram, abrimos a palavra para quem tivesse vontade de contar, mostrar e ler para o grupo o que havia feito. Três pessoas se manifestaram e foram aplaudidas pelo grupo. No final, algumas das mulheres ali presentes disseram que eu também devia dizer o que acho que é envelhecer, envelhecimento. Eu disse o que sabia baseada em um texto de Guita Debert. Eu havia comprovado, naquele pouco tempo, que a atualidade estava delineando um novo jeito de envelhecer. Pouco tempo atrás, provavelmente, ninguém se imaginava ocupando aquele espaço, mas agora elas e eles ali estavam. Isso fez com as mulheres ali presente pedissem para que eu repetisse o nome da autora, porque elas queriam saber quem é a mulher que fala de envelhecimento, disseram que iriam pesquisar sobre, e eu escrevi no quadro (GUITA DEBERT, em letras maiúsculas), vi vários cadernos e canetas saírem das bolsas para anotar o nome da autora.

Isso nos fez perceber que como pesquisadora do envelhecimento preciso estar atenta a minhas leitoras da terceira idade, pois escrevo sobre elas, e meus escritos devem se aproximar delas, e não se afastar, entendendo que a academia e a forma com que escrevemos não foi pensada para essas pessoas.

Vale destacar que, apesar de haver 6 homens inseridos no grupo de (29) mulheres, percebemos que eles não causaram alterações bruscas nas informações trazidas pelas mulheres, isso porque, quando eles diziam de coisas que elas não concordavam, eram apenas ignorados. E quando pontos de suas falas foram pontos apoiados pelas mulheres presentes, eles foram discutidos. Neste sentido, entendemos que a presença de homens alterou pouco a dinâmica do grupo e auxiliou na demonstração de pontos específicos das mulheres idosas. Por exemplo, um dos homens presentes na roda de conversa cita a beleza como algo importante para ele mesmo na terceira idade. Após sua fala, as mulheres continuaram debatendo a questão, concluindo que sentir-se feia, por conta dos sinais do tempo, faria parte do momento vivido. Entretanto, haveria, segundo elas, uma busca pela beleza como forma de sentir-se bem.

Outro ponto importante nesta contextualização se refere aos nomes das interlocutoras que foram aqui substituídos, sendo mantidas apenas suas idades.

### **Envelhecimento, velhice e estar na terceira idade para elas...**

Neste tópico serão descritas, discutidas e analisadas informações contidas nas falas das mulheres participantes da roda de conversa. As informações foram obtidas através de suas falas

de apresentação, em que disseram seus nomes, idades e o que significa envelhecimento para elas, bem como, o que sentem por estarem neste momento da vida (a terceira idade). As respostas foram as mais diversas e tocam em pontos diferentes em alguns momentos, mas também se aproximam muito em outros. Isso demonstra a proximidade nas experiências de envelhecimento das mulheres, e também as especificidades que podem ser vivenciadas.

As indagações introdutórias para essa discussão foram: O que é que a gente pensa sobre envelhecimento e a terceira idade? O que significa para você? Nome, idade e dizer o que para você é envelhecer, esse processo, porque passamos por ele durante a vida toda. Como se sente, o que acha disso, como foi ou está sendo? Isto porque a conversa se iniciou com as apresentações feitas uma a uma, em que as pessoas tiveram liberdade de priorizar as informações que para elas são importantes.

Como forma de delinear as reflexões e auxiliar nas discussões conceituais da pesquisa, trago, de forma rápida, alguns autores e autoras para que contextualizemos a discussão: Guita Debert (1997, 1999) para que a discussão sobre o envelhecimento feminino seja aprofundada, Thayza Felipe e Sandra Maria Sousa (2014) para segmentação do curso da vida, Jane Felipe (1995, 2012) e Guacira Louro (2008) para gênero e identidades e Adriana Piscitelli (2008) para interseccionalidades.

A categoria terceira idade existe, segundo Guita Debert (1999), por estar diretamente relacionada com “[...] o modo pelo qual a vida é periodizada e o tipo de sensibilidade investida na relação entre as diferentes faixas etárias são uma dimensão central para a compreensão das formas de produção e reprodução da vida social.” (p. 72). A periodização da vida está diretamente ligada à produção e reprodução da vida social, da relação entre diferentes faixas etárias em seu contexto. Quando se analisa uma representação do curso de vida, pode-se aproximar da compreensão das formas de relação entre as faixas etárias.

As mulheres participantes da roda de conversa têm entre 56 e 83 anos, a faixa etária estipulada pela UNAPI é de 60 anos, entretanto a mulher de 56 anos é uma exceção, as outras mulheres participantes têm à partir dos 60 anos de idade. Isso pode iniciar uma primeira discussão, pois, a mulher que ainda não está necessariamente na terceira idade acredita que o projeto Envelhecimento ativo, deveria aceitar pessoas mais novas, argumento reforçado por uma outra mulher de 74 anos. Neste contexto, podemos pensar o conceito curso da vida, pois, sua utilização corresponde a uma instituição social para a dinâmica da vida, “essa institucionalização [...] está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos” (DEBERT, 1999, p. 73). Em nossa sociedade, o curso da vida pode ser entendido a

partir da cronologia dos anos, nesta pesquisa teremos como interlocutoras mulheres que fazem parte do grupo denominado terceira idade. Entende-se aqui que o curso da vida é delineado por estágios descontínuos, entretanto os grupos etários são demarcados na busca de uma análise das possíveis especificidades que podem fomentar experiências comuns, proporcionadas pelo lugar social

O envelhecimento pode ser entendido, neste contexto, como um processo constante na vida do ser humano. A terceira idade, marcada pelo completar dos 60 anos, neste processo, daria conta de uma etapa da vida, que em nossa sociedade é marcada cronologicamente, isto quer dizer, pela passagem do tempo. O envelhecimento como processo e a terceira idade como etapa deste processo configuram o curso da vida.

O curso da vida permite um diálogo não apenas com os determinismos biológicos que constroem, de maneira estática, as idades, mas possibilita erguer pontes entre as diferentes formas de viver, com as experiências acumuladas e com a própria memória que acaba por reconstruir histórias individuais e coletivas (PASSAMANI, 2015, p. 47).

Este conceito delinea um processo complexo, configurado por aspectos individuais, sociais, culturais e históricos. Sendo assim, a partir dele a compressão da vida humana perpassa não somente a ideia do que seria imposto naturalmente, como por exemplo as debilidades sofridas no corpo com o passar dos anos, mas foca-se também na construção social direcionada ao envelhecimento e velhice.

A informação mais recorrente nas apresentações além dos nomes e idades, foi o destaque para a família construída por essas mulheres. Na fala de algumas dizer que se é mãe, avó, bisavó e até mesmo esposa aparece antes da própria idade. Isso demonstra a importância dada a essas mulheres para suas famílias. Demonstrada pelas evidências de quem seriam os filhos e filhas, se são casados, empregados, formados, se possuem filhos e filhas, se querem ou não ter filhos e filhas. Existe neste contexto, um privilégio dado às famílias nas falas dessas mulheres, inclusive quando se referem ao cuidado e carinho dado as netas e netos, dados pelos filhos e filhas a elas.

“Meu nome é Calêndula, tenho 4 filhos, 9 netos, 5 bisnetos. Envelhecer para mim é uma dádiva de Deus, estou muito feliz, já estou com 65 anos. Estou muito feliz pela idade que tenho [...]” (Calêndula, 65 anos). A família construída foi evidenciada em dezesseis falas, por vezes antes mesmo da idade da mulher, ou de como percebe o momento atual de suas vidas.

Envelhecer é visto por elas como uma dádiva, como um privilégio, isto foi evidenciado em cinco das falas,

Eu vejo o envelhecimento como uma dádiva, eu tenho o privilégio de envelhecer, de conviver. [...]Tem muitas pessoas aqui que são mais velhas do que eu, e eu gostaria muito de chegar nessa idade com a qualidade de



vida que temos hoje, com disposição de se arrumar, de vim pra cá, produzir (Clívia, 56 anos).

Dádiva esta que, a partir das considerações dessas mulheres, percebe-se estar associada ao divino. Por ser uma dádiva, o fato de envelhecer é visto também como um privilégio. Alguns motivos listados para este sentimento de ser alguém abençoada são: envelhecer de forma saudável, ter qualidade de vida, autonomia, liberdade e ser ativa.

Podemos discutir, alinhados ao envelhecimento, velhice e vida da pessoa idosa, conceitos como, qualidade de vida e envelhecimento ativo. A velhice pode então, a partir das múltiplas experiências pode não ser vista apenas como um momento negativo, que marca o fim da vida, com debilidades físicas e psicológicas, mas é um momento em que se pode vivenciar atividades diversas, na busca pelo bem estar pessoal. Existe uma persecução pela manutenção da autonomia e independência durante o processo de envelhecimento, constitui-se para isso o conceito de envelhecimento ativo,

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (OMS, 2005, p. 13).

Entende-se, neste sentido, que, segundo a Organização Mundial da Saúde, o envelhecimento ativo tem como objetivo o aumento da expectativa de vida das pessoas que estão envelhecendo, pautado por um envelhecimento saudável e com qualidade de vida. Inclui-se aqui também as pessoas que estão envelhecendo e de alguma forma são frágeis, fisicamente incapacitadas ou que requerem cuidados específicos. O termo saúde engloba o bem-estar social e a qualidade de vida, dando conta do estado, físico, mental e social, evidenciando que para além de cuidados com a saúde, as questões mentais e sociais afetam a forma como se envelhece.

Se tratando desta forma de viver encontrada neste momento da vida, Ágata destaca, “[...] o que é saudável para mim é ter liberdade de ser independente com as minhas coisas, com a cabeça e ser ativa, procurar ser visto, procurar ocupação, fazer exercícios, lendo, ouvindo música, carpindo o quintal.” (Ágata, 73 anos). Estar na terceira idade, bem como o processo de envelhecimento, é, neste sentido, visto por elas como algo bom. O sentir-se muito bem e também o olhar para esse período da vida como sinônimo de felicidade, felicidade pelo que se pode desfrutar é delineado em oito falas. Ao olhar a dinâmica do grupo durante essas falas, percebemos que apenas uma mulher discordou parcialmente destas

considerações a respeito de estar na terceira idade, isto porque ao contrário das outras, que demonstraram uma ânsia por continuarem vivas, Glória, que tem 74 anos, acredita que já viveu o suficiente.

Pensar esses pontos paralelos pode nos levar a uma discussão feita por Foucault (1999), quando se dedica ao direito sobre a vida, “agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelecer seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais ‘privado’”. (FOUCAULT, 1999, p. 130). A vida, independente da cronologia, é atravessada pelo lugar social dedicado à pessoa. No caso dessas mulheres, que contextualizam suas vidas nessas primeiras falas, o momento vivido é dedicado à administração dos corpos, à gestão da vida como forma de esquivar-se da morte, sendo ela o limite da existência. Quando elas buscam formas de gerir suas vidas e serem ativas no dia a dia, estão buscando vivenciar os lugares públicos tradicionalmente negados para mulheres na terceira idade.

Há contraponto nesta discussão, Glória destaca algo pouco discutido atualmente, que é o direito de morte, isso porque nosso contexto social busca a valorização da vida. Como dito, Foucault (1999) destaca que “(...) o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a ordenar em função de seus reclamos”. (FOUCAULT, 1999, p. 128). O direito à morte é regido, neste sentido, pelo poder que rege a vida. No contexto da roda de conversa, pudemos perceber que o direito à morte ordena-se em função da vontade de viver da maioria. A fala de Glória (74 anos),

[...] Acho que já vivi o suficiente, agora tenho que esperar a hora, por mim eu não queria estar mais aqui não [...] eu acho que estou ultrapassada demais, muito velha para isso, até esse grupo de envelhecimento ativo em penso que tinha de ser com menos idade, para mim já está tarde demais.

Esta fala foi respondida com olhares confusos e irritados, bem como expressões negativas, isso porque Glória foi uma das últimas a falar e até aquele momento a terceira idade havia sido descrita de forma quase que romântica, como um momento da vida configurado apenas por potências. Neste sentido, percebe-se que, como dito anteriormente, a vida para a maioria das mulheres participantes da roda é entendida como algo positivo. Falar sobre querer morrer, evidentemente, não serve a essa gestão de valorização da vida como essencial.

Uma das senhoras destaca que não sente que está envelhecendo, raciocínio que é completado de certa forma por outras duas colegas, que discutem o fato de se olhar no espelho, “outro dia (passado) quando eu olhava no espelho eu era tão linda, tinha uma pele tão linda! A minha nora fala para mim que ela não quer ficar assim não (diz mostrando a pele

do rosto enrugada), eu digo que não tem jeito, envelhecer para mim é aceitar, eu aceito de coração” (Caliandra, 74 anos).

A aceitação e/ou não aceitação de estar velha também ganhou destaque nas falas. Ao surgirem argumentos como, não me sinto velha, não me considero velha, e não me preocupo com a idade. Esses argumentos estariam ligados a um entendimento de que a terceira idade é sinônimo de juventude. A partir deste contexto, urge a necessidade de problematizarmos o porquê de ser necessária a aceitação ou não da velhice em contraponto da juventude pensada como um valor. Oras, a passagem pelos outros períodos cronológicos da vida, como, infância, adolescência e juventude não é algo questionado, nem questionável, ao contrário da terceira idade que como vimos precisa ser aceita, muito mais a terceira idade de mulheres. Temos então um grupo de mulheres que está rompendo com diversos estereótipos e padrões sociais estabelecidos, entretanto este mesmo grupo ainda cede às visões que questionam a terceira idade como um momento bom.

É do contexto sociocultural que a categorização das faixas etárias provêm, e também as formas como olhamos para os períodos da vida “[...] vale salientar que fatores sócio-culturais definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse segmento populacional” (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 3). Talvez seja esta uma sinalização da terceira idade estar sendo entendida como velhice, sendo então o momento da velhice algo que deva ser aceito ou não. Entendendo que há a partir de nosso contexto social uma carga negativa dirigida a este momento da vida, como o fim da vida, em que se espera a morte.

[...] a ficha ainda não caiu que eu envelheci. Meu espírito continua de jovem, eu só sinto que eu envelheci quando eu me olho no espelho, e quando eu estou no ônibus e alguém me oferece o banco para sentar, me sinto também idosa quando eu vou ao banco e fico na fila preferencial, também quando procuro lugar para estacionar e uso a vaga do idoso. Mas na verdade eu não me sinto idosa, não caiu a ficha que eu tenho 61 anos, meu espírito continua jovem (Madalena, 61 anos).

Essa juventude é vivenciada por elas pelo fato de agora se sentirem livres, por terem ganhado autonomia, por agora poderem fazer o que querem, sem as responsabilidades que tinham anteriormente com suas famílias, outro ponto destacado que auxilia no auto entendimento de juventude, é vivenciar essa juventude juntamente com as netas e netos por exemplo. Neste sentido, a terceira idade pode ser entendida também como um momento de produção para essas mulheres, que não querem ser *velhinhas que fazem crochê em casa, ou pessoas que assistem televisão o dia todo*, como delineado na conversa.

Thayza Felipe e Sandra Sousa (2014) ampliam essa discussão ao evidenciar que,

A segmentação do curso da vida surge gradativamente com as diferenças entre as idades e com a atribuição de funções e hábitos específicos para cada grupo. Desta forma, a velhice é reconhecida como uma etapa isolada das outras, como resultado do processo de novas fases da vida e da separação das idades nos espaços públicos e privados (FELIPE, SOUSA, 2014, p. 22).

A forma de se vivenciar a velhice é uma construção social e não pode ser tratada como um dado natural, pois surgiu com o aparecimento de instituições e agentes especializados, que precisam de tais definições para a manutenção de suas atividades. Portanto, “velhice não é uma categoria natural” (FELIPE; SOUSA, 2014, p. 22). Ela é uma etapa do curso da vida que foi institucionalizada dentro da dinâmica social, sendo “[...] importante refletir na especificidade do curso da vida das mulheres” (DEBERT, 1997, p. 3).

A tranquilidade deste momento da vida foi destacada por elas “[...] estou tranquila. A idade para mim não levo em conta, porque ela é o sinal do tempo que eu já vivi, é como se eu tivesse disputando uma corrida, estou correndo e venci aquela corrida, é como se eu fosse um atleta” (Érica, 66 anos). Para essas mulheres, a terceira idade seria também um momento de descanso, de todas as batalhas vividas no passado que se venceu. Isso faz com que elas argumentem que neste momento da vida estão ‘firmes e fortes’, prontas para o que vier, e dispostas a viverem coisas novas. Tais observações delineiam mais especificidades encontradas nos cursos da vida das mulheres interlocutoras da pesquisa que estão vivendo a denominada terceira idade.

Procura-se, neste sentido, estar bem, com um bom astral, o bom humor como algo para se enfrentar a vida. Isto seria fruto do momento da vida atual, assim sendo, a velhice não seria um empecilho para nada, inclusive para se dançar quatro noites seguidas por exemplo. O que torna a terceira idade a melhor fase da vida, pois, é o momento do sossego, momento de curtir a vida, das mais diversas formas, seja viajando, dançando, participando de projeto como o Envelhecimento Ativo, ou brincando com crianças da família.

O envelhecimento, bem como a velhice foram momentos diferentes do que se esperava para duas das interlocutoras, uma delas ao completar 60 anos se deprimiu, “quando eu completei 60 anos eu não estava aceitando, eu disse ‘meu Deus entrei agora na terceira idade’, eu me senti mal, 60 anos, eu me senti mal com isso” (Carla, 62 anos). Este sentimento momentâneo foi sendo desmistificado a medida que essas mulheres foram encontrando atividades que elas poderiam executar, quase como se elas tivessem se redescoberto, e então conseguido perceber que a vida não para na terceira idade.

“[...] Eu vejo que estou envelhecendo bem, bem melhor do que eu esperava, porque eu achava que quando eu estivesse nesta idade eu já iria estar capengando, mas não, não estou,

graças a Deus” (Aline, 74 anos). Para tanto, percebe-se que estar na terceira idade e vivenciar esse momento, mesmo que anteriormente existisse medo, é considerado por elas um momento bom em que ainda se pode encontrar vivacidade. Existe ainda quem delas não pense na velhice, entretanto a mesma pessoa que não pensa na velhice, diz que sonha em viver até os 95 anos.

A saúde já debilitada foi citada quatro vezes, entretanto, o fato dos problemas de saúde terem surgido ou se agravado não impedem que essas mulheres vivam de forma ativa sua terceira idade. Pois, se tomarem a medicação de forma correta, ou se tiverem um dia de descanso, podem realizar as atividades cotidianas sem prejuízos. Atividades estas que recorrentemente são compartilhadas com a família e amigos. Isso demonstra uma das discussões mais recorrentes neste tópico, que diz respeito ao fato de que as mulheres interlocutoras estão “criando” sua própria velhice, uma velhice em que se busca a atividade.

### **O que elas, as mulheres na terceira idade, escrevem sobre o envelhecimento?**

Neste tópico discutiremos as impressões e entendimentos das mulheres idosas participantes da roda de conversa a respeito do envelhecimento e de suas vivências com/na velhice. Das vinte e nove mulheres participantes da roda de conversa, vinte e oito disponibilizaram para mim o que escreveram a respeito do envelhecimento. Dessas, vinte e sete trouxeram de alguma forma a definição e os significados do envelhecimento para si. Em primeira vista o que se observa são duas visões mais amplas opostas a respeito do envelhecimento, que é considerá-lo positivo ou negativo.

Existe variedade nas experiências de envelhecimento, e o gênero pode ser um marcador de diferenças, visto que, a vida das mulheres acontece de forma diferente, os lugares e acessos direcionados a elas são diferentes dos homens, supondo a sociedade patriarcal onde estão inseridas. Também vale destacar a importância da problematização das categorias utilizadas para enquadrar as pessoas, entendendo que essas não são dadas pela natureza, mas são estabelecidas por conta da faixa etária dos grupos, que em nosso contexto cultural e social define que a partir do 60 anos de idade uma pessoa faz parte da terceira idade.

Para que essa discussão ocorra precisamos adentrar ao conceito de gênero, que busca, “[...] enfatizar e problematizar a construção histórica, social e cultural dos comportamentos de homens e mulheres [...]” (FELIPE, 2012, p. 221). As formas de ser mulher constituem-se a partir da construção histórica e o meio social e cultural em que elas estão inseridas, o que anula a ideia de “essência” nos comportamentos tidos como femininos. O fato de estarmos nos referindo ao envelhecimento de mulheres que têm idade cronológica entre 56 anos e 75 anos, e se encontram participantes da mesma atividade de extensão. Não justifica comportamentos únicos diante do

curso da vida, e que existe uma forma “natural” de lidar com a terceira idade.

O gênero é, neste sentido, “[...] constituinte da *identidade* de sujeitos. [...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas” (LOURO, 2008, p. 29, *grifos da autora*). As identidades são plurais estão sendo construídas durante todo o percurso da vida com contribuição de elementos sociais e culturais, além do gênero, temos outros constituintes de identidade, como, sexualidade, cor/raça, classe social, entre outros. Portanto a categoria gênero “[...] passou a ser compreendida como uma categoria relacional e contextual, na tentativa de contemplar as complexidades e conflitos existentes na formação dos indivíduos” (FELIPE, 1995, p. 5). É o entrecruzamento das categorias identitárias que nos possibilita a compreensão de que se pode ser mulher de formas múltiplas, pois, o curso da vida se constitui e se constrói historicamente, socialmente e culturalmente, evidenciando a não fixidez nas formas de ser mulher idosa.

Neste sentido, o primeiro aspecto discutido aqui será o do entendimento do envelhecimento como algo positivo, pois, vinte e cinco mulheres o consideram assim. Entretanto, percebe-se que há uma divisão quando se trata de explicitar o porquê do envelhecimento ser considerado positivo, o que será delineado a seguir. São portanto as categorias em articulação, as intersecções que dão conta da diferença “[...] em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos.” (PISCITELLI, 2008, p. 266). Fomentando então a discussão a respeito da particularidade do curso de vida de mulheres velhas.

Quando trataram do envelhecimento como algo positivo, uma das palavras mais recorrentes foi felicidade, juntamente a palavra alegria. Para dez mulheres interlocutoras da pesquisa no processo envelhecimento, ao se envelhecer vive-se a felicidade, a exemplo disso Angélica, 73 anos escreve, “envelhecer é uma felicidade da vida, porque já foi tudo (de preocupante), o bom é o que resta para vim da vida. O que é muito bom”. Sendo assim, pode-se sinalizar que a felicidade faz parte das falas das mulheres quando referem-se ao envelhecer, mas será mesmo que apenas a felicidade compõe de forma integral a vida de nossas interlocutoras? Percebemos haver dualidade no que se refere ao envelhecimento sendo ou não algo positivo, e isso perpassa as individualidades das interlocutoras, reforçando o fato de que mesmo sendo mulheres que estão no mesmo período da vida as interlocutoras possuem especificidades. Há na terceira idade formas diferentes de ser mulher, e de vivenciar este momento, algo tencionado pelas especificidades que constituem cada uma das mulheres. Essas especificidades partem das dimensões do conceito gênero, que podem ser por exemplo, raciais e de classe. Isto pressupõe o

entrecruzamento entre os marcadores sociais da diferença, gênero, cor/raça e classe social, que compõem as vidas de cada uma delas.

Outro termo destacado como sinônimo do que é envelhecer para essas mulheres é liberdade, esse termo foi citado 12 vezes durante os textos e demonstra a terceira idade como o momento de independência. Um momento da vida em que se tem tempo, em que as escolhas são individuais e privilegiam apenas a própria mulher. Sendo assim, elas podem curtir, curtir desde a família, até as amizades. Há liberdade também para dormir e acordar quando quiserem. Essas ações que representam liberdade, sinalizam que agora (na terceira idade) elas podem realmente usufruir do direito de ir e vir. Isto porque segundo elas, podem brincar se quiserem, jogar bola, subir em árvores, podem também viajar dentre outras atividades. A liberdade não se limitaria mais às demandas de outras pessoas, como anteriormente limitava-se, seja pelos filhos e filhas, pelo trabalho, pelas demandas da casa, pelo marido. A liberdade vivenciada agora proporciona viagens, programas com as amigas, saídas para dançar, ou cultivar seu próprio jardim, curtir a natureza. Para essas mulheres, liberdade é não ter preocupação com demandas que não seriam delas.

O fato dessas mulheres não estarem mais trabalhando, não terem filhos para cuidar, casa para limpar e algumas não terem mais maridos fez com que tivessem uma vida segundo elas sem preocupação, permitindo novos acessos que seriam muito dificultados e impossibilitados em momentos anteriores de seus cursos de vida. “Envelhecer é muito gratificante é como viver sem compromisso, agradecer cada dia vivido, não tendo mais as preocupações da vida jovem, com trabalho, filhos pequenos, agora só usufruir a nossa melhor idade” (Clívia, 56 anos).

“[...] Quando comecei a envelhecer me senti incomodada. Mas, refletindo melhor, sinto que estou liberta de muitas amarras. Tenho liberdade e autonomia para fazer e dizer o que penso e o que quero. (Margarida, 72 anos)”. Para essas mulheres, que estão vivenciando a terceira idade, pode-se fazer e dizer o que se pensa, ganha-se sabedoria para isso, e perdem-se amarras morais que as impediam anteriormente. Percebe-se então, que há na terceira idade vivenciada a construção e reconstrução de uma mulher que pode ver-se autônoma, apesar do que se é preconcebido a respeito da terceira idade em nossa cultura.

A terceira idade como um momento de sabedoria adquirida pela experiência de vida durante todo o processo de envelhecimento, foi um argumento recorrente nos textos. Para as interlocutoras, a vivência do dia a dia, ao longo dos anos, proporcionou a elas a percepção das modificações ocorridas à sua volta. Segundo elas, agora vive-se melhor que antes, pois, ao envelhecer, tiveram muitas experiências de erros e acertos, alegrias e tristezas, altos e baixos. Essas experiências, fomentadas pela vida, trouxe consigo prazer e vontade de viver o momento

atual de suas vidas. Em um primeiro momento, percebe-se a sinalização de que se pode ser feliz na terceira idade, em que se desfruta de liberdades.

A sabedoria também dá a essas mulheres um outro lugar nas suas relações, Lírio, 65 anos, escreve, “Envelhecer é bom demais, a gente passar a ser alguém, não deixa ninguém pisar na gente. Nos tornamos mais espertas e temos mais conhecimentos, até para fazermos amizades [...]”. Com a experiência adquirida no curso da vida, as mulheres velhas têm neste momento a possibilidade de se imporem em suas relações, criando um sentimento de que se é alguém (ativo) nas relações que elas estabelecem. Envelhecer seria então, “[...] Ser uma pessoa mais experiente, compreendendo as coisas com mais facilidade, é curtir a vida com sabedoria e ser feliz. Ser grata por tudo que já conseguiu e o resto é resto. (Calêndula, 65 anos)”.

A sabedoria parece ser algo extremamente importante para elas, como um bem acumulado ao longo da vida. Busca-se, a partir do que se experienciou no passado a vivência de novas experiências. A partir da ideia de que se constrói sabedoria durante os anos que se vive, as mulheres interlocutoras sinalizam então que, os conhecimentos acumulados durante o curso da vida fomentam e podem facilitar a tomada de decisões. Essa tomada de decisões partiria do que se considera o melhor para si mesma.

Nove mulheres citaram em seus textos o quesito saúde, como parte do processo de envelhecimento, seja de forma positiva, afirmando viverem essa fase de forma saudável, seja de forma negativa, dando a entender que seus corpos não são/estão saudáveis. Para Estefânia, 68 anos, “Envelhecer é ter dado uma parte da vida à minha família. É ter boa saúde, é ter boa convivência com as pessoas [...]” A saúde, quando citada por elas, na maioria das vezes, está atrelada à convivência com a família e amizades. Dália de 68 anos reforça isso quando conta como seus filhos vivem, e que sua neta mais velha está se formando em direito e é concursada concluindo, “[...] vejo tudo isso como um grande privilégio e bênção do Senhor, e isso para mim é envelhecer com saúde, o privilégio maior é sermos donas das nossas vidas, podendo ir e vir, isso sim é envelhecer com qualidade.” A saúde é vista por essas mulheres como um conjunto, não entendem apenas a saúde física e mental como geradoras de vida saudável. Outro ponto que fomenta a saúde em suas vidas seria o poder ser dona de si, pois, liberdade e controle estariam em conformidade com a saúde física e mental. Isso porque, força física e um emocional forte podem levar essas mulheres aos lugares que elas desejam estar. Pois, as barreiras pré estabelecidas socialmente para a terceira idade seriam assim desconstruídas, encaminhando-as para a vivência da qualidade de vida. Qualidade de vida diz respeito à noção,

[...] eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 8).



Existe, neste contexto, uma busca por aspectos que fomentam a qualidade de vida no sentido do bem-estar e satisfação nos diversos âmbitos da vida. Sejam nas relações intrafamiliares, seja nas relações com as amigas, seja na busca por novos aprendizados, seja pelo autocuidado. Aqui essa busca pode ser exemplificada pela saúde como meio para conviver de forma próxima dos familiares, pois, uma mulher idosa saudável pode cuidar e brincar com as crianças da família.

Essa ideia de envelhecimento como sinônimo de qualidade de vida não é compactuada por todas as mulheres. Para Acácia, 67 anos, “Envelhecer é, estar com dor em todos os lugares do corpo. Por isso eu preciso ter cuidado e aprender a cuidar do meu físico, mental e espiritual também”. Para Liana, que também tem 67 anos, envelhecer é “[...] cada dia saber que os dias estão diminuindo consecutivamente, ou seja, a morte está cada vez mais próxima. Apesar de procurar ter uma vida um pouco mais saudável, não tem sido fácil [...]” Ela conclui explicando que o fato de ter sido empregada doméstica a vida toda hoje tem vários problemas de saúde, como desgaste nos joelhos e articulações, o que a impede de viver uma vida saudável.

Vale destacar, neste contexto que, devemos “ [...] **questionar justamente a categoria mulher como uma unicidade**” (ASSIS, 2019, p. 12, *grifos da autora*). Dona Liana possui diferenças importantes em contraponto às outras mulheres, a destacada aqui é que ela é uma mulher pobre, que em todo o curso da vida precisou trabalhar. Ao contrário de outras mulheres, que destacam suas viagens por exemplo, ela vai falar das dores adquiridas durante os longos anos com jornadas extensas de trabalho.

Percebe-se, neste sentido, que existe uma busca das mulheres idosas pela qualidade de vida, o que não é possível para todas, entendendo que suas vidas trouxeram consequências que pode impedi-las. Esse foi o único momento evidente das consequências da diferença de classe e também de cor/raça na vida das mulheres velhas delineado a partir dos textos. Liana também escreve em seu texto ser a pessoa que cuida de si e dos afazeres domésticos em sua casa, não tendo outras para isso, o que reforça o argumento anterior, que para elas a saúde e a qualidade de vida está associada à convivência com a família e amigas.

Uma das interlocutoras escreve e conclui essa linha de raciocínio “É necessário que para ter uma velhice saudável as pessoas cuidem de si, e se preparem para isso. Ter cuidado na alimentação, na saúde e na convivência social. Tudo isso não vai impedir que não se tenha mais limitações ao envelhecer, mas pode contribuir para ter uma vida melhor” (Camélia, 62 anos).

Entende-se, portanto, que na dinâmica da vida de mulheres idosas os sistemas discriminatórios criam desigualdades, essas desigualdades partem das posições ocupadas por cada uma delas, que além de serem mulheres, pertencem a cor/raça e classes sociais distintas.

Sendo assim, existem especificidades em cada curso da vida investigado, essas especificidades demonstram inseparabilidade dos marcadores sociais da diferença na estruturação das experiências de envelhecimento de mulheres. Pois, os eixos de subordinação distintos interagem em cada processo de envelhecimento. Entendemos portanto que, não discutimos um processo de envelhecimento das mulheres, mas processos de envelhecimento de mulheres, que são afetadas de formas distintas pelas subordinações. Percebemos também que a vivência de subordinações ocasionadas pelo meio sociocultural em que se vive possibilita a resistência.

O envelhecimento é citado como dádiva e privilégio por três vezes, essa dádiva seria dado a poucos, bem como o privilégio de chegar à terceira idade e viver os novos planos, entendendo que ainda existe um futuro para elas. “Envelhecer para mim significa uma dádiva de Deus. É um processo natural da vida, no momento em que nascemos já começamos a envelhecer. Envelhecer com saúde, independência para nossas atividades, com liberdade de ir e vir, estar interagindo com as pessoas e ser útil aos afazeres do dia a dia. (Azaléia, 67 anos)”.

Ao discutirmos o envelhecimento, entende-se, portanto, que ele é um processo que ocorre desde o nascimento. O envelhecimento é constituído por aspectos cronológicos (a contagem dos anos), biológicos, psicológicos e socioculturais. Biológico porque segue o desenvolvimento do corpo, bem como os anos vividos e cultural porque as vivências do envelhecimento são estabelecidas social e culturalmente.

É do contexto sociocultural que a categorização do curso da vida provêm, “[...] vale salientar que fatores sócio-culturais definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse segmento populacional” (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 3). O olhar que as mulheres têm do momento que estão vivendo também é constituído a partir do contexto social e cultural vivenciado, a exemplo disso temos a busca de Azaléia por ser útil. Essa busca sinaliza que esta mulher entende a terceira idade também como um momento de atividade, que talvez seja uma forma de barrar o que o senso comum define para este momento.

Percebamos para tanto que, as mulheres interlocutoras estão tencionando as atribuições dadas a elas por nosso contexto social, isto porque a velhice se configuraria como um momento de isolamento pois, destinar-se-ia às mulheres idosas os ambientes privados (FELIPE; SOUSA, 2014). Elas estão construindo uma vivência da terceira idade que distancia-se do esperado e busca qualidade de vida como forma de viver o bem estar, seja quando se é útil, seja quando se brinca, ou se viaja. Dentre os argumentos temos que, elas não se sentem velhas, uma delas utiliza o termo experiente, destacando que nós teríamos que escolher envelhecer, concluindo com a frase “Envelhecer é portanto viver. (Begônia, 60 anos)”. Elas destacam como subjetivamente se sentem jovens, uma diz que em sua mente tem 21 anos, outra 30. “Agora que estou na juventude,

me sinto leve e solta [...] (Fúcsia, 61 anos). “Para mim envelhecer é bom, legal. Não tem diferença nenhuma da juventude, a gente nasce para envelhecer. (Caliandra, 74 anos)”.

O envelhecimento é entendido por elas como parte da cultura, pois ela dedicaria lugares para as pessoas idosas. “[...] Apesar de ser um processo natural, no Brasil, o Idoso agora está começando a ser visto e respeitado. Penso ser cultural. (Begônia, 60 anos)”. Sendo assim, o envelhecimento e o ser/estar velha traria como carga um certo desrespeito social, algo que para a interlocutora estaria sendo desconstruído a partir da do uso da nomenclatura pessoa idosa.

### **Considerações finais**

O processo de envelhecimento e chegada na terceira idade perpassa a cultura, o que delinea lugares sociais destinados para cada pessoa. Juntamente com o processo envelhecimento vivencia-se também as interseccionalidades dos marcadores sociais da diferença, cor/raça, classe social e grupo de idade. Isto delinea a complexidade das identidades de mulheres idosas, demonstrando não haver unicidade no processo de envelhecimento. Entendendo que as desigualdades sociais afetam a vida das mulheres interlocutoras de formas específicas.

Há também nas mulheres interlocutoras um anseio para a desconstrução dos estereótipos que subjagam a terceira idade. Como resposta a essa busca de desconstrução de estereótipos opta-se pela qualidade de vida, bem estar e atividades. Partindo da tentativa de ser útil no ambiente em que estão vivendo, essas mulheres envolvem-se na maior quantidade de atividades que conseguem, sejam atividades domésticas, como também atividades na UNAPI por exemplo. Elas entendem que, mesmo estando na terceira idade pode-se viajar, trabalhar, brincar, fazer amizades e etc. o que demonstra uma tentativa de alteração da ideia tradicional do que seria ser velha. Essas mulheres estariam construindo uma identidade específica, em que existem estímulos para a construção do bem-estar pessoal e autocuidado. Isso tudo serviria para se alcançar a vivência de coisas desejadas por elas.

A terceira idade é entendida por essas mulheres como um momento possível para realização pessoal, pois agora as responsabilidades com os filhos e filhas, trabalho, afazeres domésticos e com o matrimônio se desfizeram. Isso destaca a discussão de gênero e envelhecimento, pois o lugar social dado a essas mulheres as impediu da busca da realização pessoal em outro momentos da vida. Sendo possível apenas no agora, que os filhos cresceram, que podem organizar a casa em seu tempo, que se está aposentada e que o marido faleceu.

O encontro com um grupo, tão específico (mulheres à partir dos 60 anos), demonstra a importância de ações de extensão que fomentem de alguma forma, a participação de pessoas antes excluídas do ambiente universitário, isso porque fomenta a realização pessoal e o

bem-estar. Neste sentido, entender como essas mulheres estão entendendo o envelhecimento reforça a importância do espaço dialógico fomentado pela UNAPI, bem como sinaliza uma forma de inclusão deste grupo no ambiente universitário por meio de ações de extensão.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12564/11720>> acesso em: 12 de dezembro de 2017.
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. São Paulo, **Revista Usp**, n.42, p. 70-83, junho/agosto 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456/30313>> acesso em: 1 de dezembro de 2018.
- FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. 1995. Disponível em: <[http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_gensex/SexualidadeInfantil.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf)> acesso em: 1 de dezembro de 2018.
- FELIPE, Jane. **Relações de gênero: Construindo feminilidades e masculinidades na cultura**. XAVIER FILHA, Constantina (org.). Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias. Campo Grande, Editora UFMS, 2012.
- FELIPE, Thayza Wanessa Silva Souza; SOUSA, Sandra Maria Nascimento. A construção da categoria velhice e seus significados. Macapá, **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v.7, n. 2, p. 19-33, julho/dezembro 2014. Disponível em: <[http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs\\_ISSN1984-4352](http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs_ISSN1984-4352)> acesso em: 10 de novembro de 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós- estruturalista**. Rio de Janeiro, Vozes. 2008.
- MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. Florianópolis, **Revista Esboços**, v11, n°11, p. 65-71, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336/9870>> acesso em: 6 de dezembro de 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Revista Ciência e saúde coletiva** [online]. vol.5, n.1, pp.7-18. 2000. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100002&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 10 de agosto de 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de Confete no “Mar de Xarayés”: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade**. Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Goiânia, **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, p. 263-274, julho/dezembro 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/0>> acesso em: 6 de dezembro de 2018.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antônio. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**, nº 4, p. 1-29, 2006.

SILVA, Luana Rodrigues Freita. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? Rio de Janeiro, **PhysisRevista de Saúde Coletiva**, p.801-815, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373312008000400011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373312008000400011&script=sci_abstract&tlng=pt)> acesso em: 6 de dezembro de 2018.